



Recomendação de Associação para Comemoração  
do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil

# **Nostalgia da colônia Katsura**

“Caminho trilhado por meus pais e  
a nossa trajetória até o dia de hoje”

**Onofre Sakagawa**

# **Nostalgia da colônia Katsura**

"Caminho trilhado por meus pais e  
a nossa trajetória até o dia de hoje"

# Nostalgia da colônia Katsura

'Caminho trilhado por meus pais e a nossa trajetória até o dia de hoje'

Agosto de 2006, São Paulo - SP Brasil

Recomendação de Associação para Comemoração  
do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil

Abril de 2007 São Paulo - SP BRASIL

Autoria	Onofre Sakagawa
Editora	Hiroko maezono / Hiroshi Noguchi
Tradução	Fumiko Arata Yoneta
Gráfica	Editora Grafica Topan Press Ltda.

Impresso no Brasil

## ÍNDICE

A vinda dos meus pais ao Brasil e nosso nascimento.....	5
Colônia Katsura e a comemoração dos 100 anos da vitória do Japão na guerra contra Rússia . . . . .	9
Sucessivo falecimento de meus pais.....	13
Separado de meus irmãos.....	18
Passando a viver na casa do tio Yokoya, o lar que me adotou .....	21
Surpreendendo o professor da escola brasileira.....	23
Chá Ribeira - Bebida típica de Registro.....	27
Uma pequena viagem à Colônia Katsura -Onde estará o brilho que havia no passado? . . . . .	29
A prosperidade da Família Yokoya.....	36
Complexo de inferioridade oculta em minha personalidade. ....	38
A idéia para reestruturar a Família Sakagawa.....	40
Decidido a fugir de casa, abandonando a idéia de suicídio.....	41
Salvo por um senhor japonês muito gentil.....	45
Sonhando com a minha mãe de criação por uma semana.....	47
Trabalhando junto com meu irmão mais velho no comércio de ovos e a construção da casa própria.....	49
Bons ventos no casamento e no negócio.....	54
Viagem ao Japão para visitar o túmulo da família. Finalmente, a oportunidade de sufragar as almas de meus pais.....	58
Posfácio.....	69

Voltando no tempo quase 95 anos. Era uma época em que o governo japonês incentivava seu povo a imigrar para o Brasil. Utilizando o slogan: "Vá ao Brasil! Lá, milhões de árvores que dão dinheiro estão a sua espera. Agora é a hora!", a propaganda era divulgada em grande escala em todo o território.

A "árvore que dá dinheiro" era o pé de café. Muitas pessoas empolgaram-se com esse slogan e passaram a sonhar com esse país tão distante e desconhecido. Os jovens, principalmente, passaram a casar-se às pressas, só para poder imigrar para o Brasil, pois achavam que quanto mais mão-de-obra tivessem, mais chances teriam de obter o visto, em um curto espaço de tempo. No entanto, na verdade, o visto só era concedido para famílias que tivessem mais de três membros com idade superior a 15 anos. Acredito que já era do conhecimento do governo das províncias japonesas que, no Brasil, as famílias com mais trabalhadores ativos poderiam assegurar melhor sua sobrevivência.

Gostaria de ressaltar aqui que, o que vou escrever são, em sua maioria, histórias que ouvi dos meus pais de criação. E considerando os longos 70 anos que já se passaram desde então, pode haver partes trocadas ou não muito exatas, em virtude de erros de interpretação de minha parte.

## **A vinda dos meus pais ao Brasil e nosso nascimento**

Meu pai, Zensaku Sakagawa, imigrou como membro da família da sua irmã Kotoe e seu marido Tanisaburo Ono, procedentes de um vilarejo chamado Uto que se situava atrás de montanhas, de uma região montanhosa chamada Utogami. Para chegar a esta região, era necessário passar por várias montanhas altas, partindo da aldeia Yada, do distrito Yoshihi, da província de Okayama. Eles chegaram ao porto de Santos, a bordo do navio "Wakassa-maru", no dia 27 de abril de 1914. Inicialmente trabalharam na lavoura da fazenda da Serra, situada na região mogiana, e depois disso, permaneceram cinco anos como arrendatário. Em 1922, mudaram-se para colônia Katsura.

Minha mãe, Naoe Yokoya, também imigrou para o Brasil em condições semelhantes as de meu pai. Ela fazia parte da família de seu irmão Hissashi Yokoya e sua esposa Kikue, vindos da aldeia de Yanaguibara, do distrito de Kamimizu-uti da província de Nagano. A bordo do navio Havaí-maru, chegaram ao Porto de Santos no dia 24 de maio de 1918 e, em seguida, foram para a colônia Katsura de Jipovura na município de Iguape. Assim, meus pais, que vieram com a família de seus irmãos casados, de províncias

diferentes, conheceram-se na colônia e casaram-se. Com esse matrimônio, nasceu a primeira família Sakagawa. Em 1922, nasceu meu irmão mais velho Naoto e eu, em 1924. Dois anos depois, em 1926, nasceu meu irmão Tomizo.

Era época da Primeira Guerra Mundial, mas não havia a tensão de estar sob ameaça de um ataque, e mesmo os navios de imigração continuavam a trafegar tranqüilamente pela rota da África, levando pouco mais de dois meses no percurso. Os imigrantes chegavam com muita esperança. Ao desembarcarem no Porto de Santos, passavam pelo trâmite alfandegário e logo eram transferidos para Casa dos Imigrantes situada no centro de cidade de Santos. No caso de minha mãe, a família foi para região de Registro, que era seu destino inicial, trabalhou na lavoura por quatro anos e, em 1923, mudou-se para a Colônia Katsura de Jipovura na cidade de Iguape, e meu tio tornou-se professor da escola japonesa.

A cidade de Iguape está situada a sudoeste da costa paulista e, na época, igualava-se à cidade de Santos em tamanho. Jipovura estava localizado a 30 quilômetros acima do rio Ribeira que deságua na cidade de Iguape. A razão da denominação dessa colônia de "Colônia Katsura" foi porque sua fundação se deu na época do governo do primeiro ministro japonês Taro Katsura.

Naquela época, apesar de o Japão ter vencido a

guerra contra a Rússia e, também, de fazer parte dos países vitoriosos da Primeira Guerra Mundial, sua economia estava totalmente falida, pois havia gastado uma soma vultosa nas guerras. Conseqüentemente, o povo sofria com a enorme crise do país, tentando defender, a todo custo, sua sobrevivência. Para poder contornar essa situação, o Primeiro Ministro japonês, Taro Katsura, empenhou-se na política imigratória. Em outras palavras, o Ministro aproveitou o Tratado de Amizade, de Comércio e de Navegação entre Brasil e Japão para reduzir a população faminta. Por outro lado, o Brasil necessitava dos imigrantes para suprir a falta de mão-de-obra causada pela abolição da escravatura. De fato, já havia grande quantidade de imigrantes europeus vindos de Itália, Portugal e de outros países, mas o tratamento que receberam era semelhante ao de um escravo. Descontentes com isso, os governos da Itália e da Alemanha proibiram a saída de seu povo para imigrar para o Brasil. Para compensar essa falta, o governo brasileiro aceitou a vinda dos imigrantes japoneses.

Os primeiros imigrantes que atravessaram o oceano com destino ao Brasil foram as 781 pessoas recrutadas e contratadas pela empresa Teikoku Imim Kaisha liderada pelo presidente Ryu Mizuno para trabalharem na cultura cafeeira. O navio que transportou esses primeiros imigrantes foi o Kassato-maru que atracou em Porto de Santos no dia 18 de



junho de 1908 e essa é a razão desses imigrantes terem sido chamados de "imigrantes do Kassato-maru". Nesse navio, vieram também 48 jovens solteiros e 12 passageiros livres que, apesar de serem também imigrantes, não possuíam restrições contratuais como os demais imigrantes.

Os primeiros imigrantes contratados foram enviados para seis fazendas cafeeiras que foram: Fazenda Dumont, Fazenda Canaã, Fazenda São Martinho, Fazenda Guatapará, Fazenda Floresta e Fazenda Sobrado. Em todas essas fazendas, sem exceção, os imigrantes tiveram tratamento igual a de escravos. Muitos não agüentaram esse ambiente severo e fugiram no meio da noite, arriscando suas vidas. No caso da Fazenda Dumont, todos fugiram e isso causou a má fama dos imigrantes japoneses. Isso preocupou o governo japonês que já programava a segunda leva de imigrantes para dois anos depois. Entretanto, isso não influenciou a vinda dos 906 imigrantes a bordo do navio Ryojun-maru e todos puderam entrar no país e ser enviados para os locais previamente definidos. Somente os imigrantes procedentes das províncias de Okinawa e de Kagoshima, tiveram a imigração interrompida por um tempo, pois nenhum dos primeiros imigrantes conterrâneos permaneceu no local a que foi destinado. Essa medida, no entanto, foi adotada pelo governo japonês. No Brasil, apesar de esse evento ter sido comentado por uns tempos, depois de dois

anos, ninguém mais se lembrava do caso e a contratação de imigrantes japoneses continuou sem cessar.

## **Colônia Katsura e a comemoração dos 100 anos da vitória do Japão na guerra contra Rússia**

Relatarei os fatos ocorridos na Colônia Katsura, tendo como pano de fundo o cenário da época.

O navio *Kassato-maru*, que transportou o primeiro imigrante japonês para o Brasil, era um navio-hospital russo tomado pelo Japão durante a guerra travada contra a Rússia. A guerra iniciou-se em 1904 e terminou no ano seguinte com a vitória dos japoneses. E no ano em que o centenário da vitória japonesa foi comemorado, resolvi registrar minhas lembranças sobre meus pais e minha família, e fui envolvido por grande emoção.

Oito anos depois do término da referida guerra, o primeiro grupo de imigrantes composto por nove famílias ingressou na colônia de Jipovura que, posteriormente, recebeu o nome de Colônia Katsura (alteração autorizada pela Assembléia distrital de Iguape), em homenagem ao Ministro Katsura do Japão que havia falecido. Eu nasci nessa colônia, onze anos depois de sua fundação.

A colônia de Jipovura nasceu de um projeto que se iniciou com a vinda de Ayataro Aoyanagui, um líder sindical

de Tóquio, em 1910. Ele se dedicou à pesquisa das condições e situação local, para promover o empreendimento de imigração. Por outro lado, entrou em contato com o governo do Estado de São Paulo, a fim de sondar sobre terrenos pertencentes ao governo e, com sua ajuda, conseguiu a concessão de 350 alqueires de terra na região de Jipovura, de forma gratuita, num gesto benevolente da Assembléia Distrital de Iguape. Isso viabilizou o plano de criar uma colônia. No ano seguinte, foi concedido um terreno de 5.500 alqueires na região de Registro, pertencentes ao governo estadual e, para essa área, foi planejada a criação de uma colônia para 200 famílias. No entanto, esse projeto teve de ser adiado por um tempo, pois o recrutamento dos imigrantes não teve o sucesso esperado. Somente em 1917, vieram 332 pessoas e, no ano seguinte, mais 525 pessoas que ocuparam o terreno dessa colônia. Na época, quem transportava os imigrantes eram os navios pertencentes ao Correio Japonês e à empresa Osaka Shosen. Mas, no final do mesmo ano, foi constituída a empresa Kaigai Kougyou Kabushiki Kaisha (Kaikou) com o objetivo de criar colônias japonesas no Brasil. Foi a Kaikou que fundou a Colônia Katsura, a colônia de Registro e a terceira colônia, a de Sete Barras em 1920. Essas três colônias foram chamadas de colônia de Iguape, que era constituída de aproximadamente 30 mil alqueires, e a Kaikou passou a administrá-la.

Dessa forma, a Colônia Katsura, que era quase um projeto do governo japonês, passou a ser administrada pela Kaikou e foi integrada à grande colônia de Iguape.

Por outro lado, houve colônias fundadas pelos próprios imigrantes, a começar pela Colônia Tóquio, inaugurada em março de 1915 pelo Sr. Tadashi Baba, situada próximo a estação Motuca da linha ferroviária Paulista. Em agosto do mesmo ano, ou seja, depois de quatro meses, inaugurou-se a Colônia Hirano, liderada por Umpei Hirano, próximo a estação Cafelândia na linha ferroviária Noroeste. No ano anterior a esse, a Primeira Guerra Mundial teve início na Europa e o Japão teve de participar, em respeito à aliança anglo-japonesa, do ataque a península Liaodong da China, que fora ocupada pelos alemães. Isso exigiu do governo japonês um esforço além de sua capacidade e, por isso, mesmo estando entre os países vitoriosos, a guerra não beneficiou a economia interna. Pelo contrário, o Japão foi avassalado pela tempestade da recessão econômica mundial e, como medida para superar essa crise, empenhou-se ativamente no envio de seu povo para um país estrangeiro.

Eu nasci na colônia de Jipovura em 18 de junho de 1924, como segundo filho de Zensaku Sakagawa e sua esposa Naoe. Essa região possuía terras férteis e clima ameno o ano inteiro, o que proporcionava colheita farta de tudo que se plantava, desde o arroz até verduras. Era um paraíso para

os agricultores. Havia, também, em abundância aves, animais selvagens e peixes. Em contrapartida, havia também mosquitos, abelhas e formigas que atacavam durante o dia e à tarde. Éramos vítimas de ataques de pernilongos. Não conseguíamos dormir sem mosqueteiros. Eu, que nasci nessa terra, acabei criando resistência contra picadas de pernilongos e, mesmo hoje, não tenho reações a picadas de insetos. Felizmente, os pernilongos e outros insetos não eram transmissores de doenças, como malária e outras.

Parece-me que o critério fundamental da época para a escolha do terreno era que a terra fosse boa para o cultivo de arroz. Assim, nossa região atendia essa condição e, mesmo no dia de hoje, tudo que aqui se planta dá. Segundo o que consta, a Colônia Katsura em Jipovura foi a primeira colônia que cultivou o arroz e ensinou os brasileiros a se alimentarem desse cereal. No museu da cidade de Iguape, estão o diploma e o troféu de reconhecimento como a primeira área produtora de arroz no Brasil. Espero que um dia meus amigos e conhecidos visitem esse museu.

Eu me lembro bem de que essa região era, em sua maioria, terreno pantanoso e, por isso, os colonos faziam caminhos, amontoando a terra retirada de ambos os lados. Puxavam a água de uma fonte distante, por meio de dutos feitos de bambu, e essa água movia um moinho para beneficiamento do arroz. Todos os produtos colhidos na

colônia eram transportados por navios a vapor, que tinha nomes como Cândido, Bento Martins, Vicente Carvalho, etc. Esses navios ligavam a cidade de Registro às cidades de Juquiá, Biguá e Sete Barras e outras, o que trouxe um grande progresso.

Depois de formado eu e mais colegas visitamos várias vezes a região onde essas colônias ficavam e, até hoje, não sabemos o porquê de os dirigentes da empresa Kaikou terem escolhido essa região pantanosa para fundar as colônias japonesas.

### **Sucessivo falecimento de meus pais**

Meus pais que se casaram nessa terra, passaram a morar na parte norte da Colônia Katsura de Jipovura, chamada Caiubá. Lá tinha montanhas altas, que eram raras na região, e cachoeiras de água límpida. Eram chamadas de montanhas e cachoeiras de Caiubá pelas pessoas da região. Meus pais possuíam um terreno grande nessa montanha e viviam felizes com seus três filhos: Naoto, o primogênito; eu, Onofre; e o mais novo, Tomizo, nascido em 1926.

Tempos depois, a minha mãe ficou grávida de seu quarto filho e, na época, era comum o marido fazer o parto de sua esposa, pois não havia parteira na região. Assim, como meu pai havia feito os três primeiros partos, com muita

naturalidade, ele se preparou também para o do quarto filho. No entanto, o parto seria uma coisa normal mas desta veio de perna a frente e o pai sofreu junto quando o trabalho de parto se iniciou, o bebê ainda não estava na posição correta, o que dificultou seu nascimento. Foi um parto difícilíssimo. Depois de horas de sofrimento, a criança nasceu morta e minha mãe, depois de murmurar para meu pai: "Se eu morrer agora, você irá sofrer muito, não é?", deu seu último suspiro. Soube de tudo isso pela minha mãe de criação.

Ouvi várias vezes que, tanto a minha mãe como a criança, teriam sobrevivido se, naquele momento, houvesse uma parteira que pudesse desvirar o bebê, com a massagem para colocá-lo na posição correta para o parto, uma vez que tanto minha mãe como o bebê estavam bem até o início do trabalho de parto. Quando isso aconteceu, o meu irmão Naoto tinha seis anos, eu, quatro e meu irmão mais novo, dois. Esse foi o início das desventuras que atingiram minha família.

Mesmo com tão pouca idade, lembro-me bem desse dia. Meu pai chamou por mim e meu irmão Naoto e disse: "Vocês dois vão até a casa de seu tio e avise que a mamãe faleceu". Quando abrimos a porta e saímos de casa, obedecendo ao pedido de nosso pai, estava tão escuro que não se enxergava um palmo à frente de nosso nariz. No entanto, crianças do interior não se assustavam com isso entrou dentro de casa e pegou. Cada um pegou uma lenha

em chama do fogão a lenha que, até então, aquecia a água para o realizar o parto, e seguiu o caminho da mata em direção a casa de nosso tio. Balançávamos a lenha de um lado para outro para iluminar o caminho. Por termos sido criados no interior, não sentíamos medo da escuridão da noite. Talvez minha mãe tenha tido um parto tão difícil por ter sido numa noite tão escura.

O fato de ter ficado com três filhos pequenos, em função desse acontecimento, deixou meu pai totalmente sem rumo. Depois de aproximadamente um ano, ele resolveu se mudar para Cananéia. Talvez fosse para recomeçar a vida. Cananéia fica a 40 quilômetros rio abaixo, ao sul da cidade de Iguape que, por sua vez, se situava, aproximadamente, a 25 quilômetros de Jipovura, descendo o rio Ribeira. Cananéia era o maior porto pesqueiro do Estado de São Paulo e, ainda hoje, abastece o mercado de pescados da cidade de São Paulo. Guiado pela nostalgia, ainda hoje eu vou para essa cidade, de vez em quando, para matar a saudade. É um local muito bonito e tranquilo onde se consegue pegar muitos peixes.

Nós moramos nessa cidade por cerca de um ano e meu pai trabalhou no comércio de peixe durante esse período. Lembro-me, ainda hoje, da emoção que envolveu meu coração de menino de seis anos, quando assisti o carnaval de Cananéia e um cardume de peixes.





Igreja de São João Batista - Cananéia

Nessa outra certo dia, a canoa em que meu pai navegava virou e ele bateu o peito fortemente. Isso debilitou sua saúde a ponto de não conseguir, posteriormente, mais trabalhar no Comércio de

peixes. Isso fez com que meu pai voltasse novamente à colônia katsura, junto com os filhos. No entanto, sua enfermidade agravava-se cada vez mais e meus irmãos Naoto e Tomizo foram levados à casa de meu tio Ono, marido da irmã do meu pai, que moravam na mesma colônia de katsura. Certa manhã, eu e meu pai seguimos em direção ao porto. Eu nem imaginava que, naquela viagem, teríamos nossos últimos momentos juntos.

Quando chegamos ao porto do rio Ribeira, envolto em neblina, o navio a vapor havia acabado de sair. Então, meu pai negociou com a pessoa do porto para parar o navio barqueiro e nós o alcançamos com uma canoa. Isso porque,



Cachoeira do Pit /font

na época, o navio passava a cada dois dias e, se perdêssemos aquele, teríamos que esperar mais dois dias. Além disso, aos domingos, não havia embarcação. Era uma época muito difícil, mas não havia uma só pessoa da colônia que se queixasse disso. Acredito que todos estavam conformados com a situação. Tempos depois, ouvi dizer que todos achavam aquela situação natural, pois já a encontraram assim quando chegaram àquela região. Porém, meu pai, que tinha pressa em seguir viagem, pediu que parassem o navio a vapor e contratou uma canoa para alcançá-lo. Viajamos um dia até chegarmos à cidade de Registro. Para mim, que ainda era uma criança, essa viagem foi maravilhosa, mas para meu pai, acredito que tenha sido um sacrifício. Ele ficou deitado praticamente toda viagem. Lembro-me de que eu corria por todo lado e, de quando em quando, voltava para vê-lo. Sentia-me tranquilo quando o via deitado no mesmo local e voltava novamente para minha expedição. Os tripulantes do vapor eram todos gentis e mostravam-me os peixes enormes que viviam no rio e me explicavam sobre eles.

O navio a vapor daquela época tinha uma roda enorme na parte traseira movida a água que era a força motriz do navio. O combustível era a lenha da qual abasteciam-se na beira do rio.

A tarde chegamos ao porto de Registro. Soube

depois que meu tio Yokoya, irmão da minha mãe, havia mudado para essa cidade e a intenção de meu pai era deixar-me sob seus cuidados, e ele já estava ciente. Nesse dia, ficamos em um hotel, pois já era tarde para chegar até a casa de meu tio. Acho que meu pai estava exausto e, lá também, ficou tempo todo deitado.

### **Separado de meus irmãos**

Nessa noite, fiquei brincando, até tarde, no quarto onde meu pai estava deitado. Quando o sono bateu e quis dormir, percebi que não havia cama para mim. Então perguntei a ele: "Papai, onde vou dormir?" Ele me respondeu: "Nhonho [meu apelido na época] durma aqui onde papai está dormindo. Papai vai ter de ir ao hospital porque está doente. Mas, venho buscá-lo assim que melhorar. Até lá, fique bonzinho na casa de seu tio."

Pela primeira vez, ele me contou a verdade sobre nossa viagem. Avalio o quanto foi difícil para ele. Mesmo criança, senti sua dor naquele momento e, por isso, respondi "Sim" e continuei a brincar. Depois, meu pai ficou ao meu lado até eu adormecer e foi sozinho para o hospital. Na manhã seguinte com o vapor que veio, quando acordei e não vi mais meu pai naquele quarto, foi um desespero total. Abri a porta do quarto, saí à procura dele por todos os cantos

do hotel, chorando e gritando por ele chamando papai! papai! onde está papai!. Eu estava totalmente fora de mim. A dona do hotel veio me acalmar, trazendo para mim diversos brinquedos e doses, mas nada me distraía. Aos prantos, falava a todos que meu pai havia desaparecido. O dono do hotel também não sabia mais o que fazer e disse aos empregados que cuidassem de mim para que não me machucasse.

Depois de um tempo, dois meninos da minha idade vieram até mim e ficaram olhando, sem dizer nada. Acho que eles, mesmo com pouca idade, estavam com pena de mim, pois eu parecia um animal preso em uma armadilha, totalmente exausto, depois de ter lutado com todas as forças. Fiquei um longo tempo parado, em pé, no mesmo lugar. Depois me agachei e nem me lembro mais de quanto tempo fiquei ali, sem saber o que fazer.

Aquele fora meu último momento com meu pai. Ele nunca mais voltou e deixou seus três filhos, órfãos de pai e mãe. Algum tempo depois, pude sentir o quanto ele nos amou, mesmo depois de ter perdido nossa mãe. Sem ajuda de ninguém, criou-nos com muito carinho, mesmo enfrentando muitas dificuldades financeiras. E, quando ele viu a gravidade de sua doença, destinou toda força que lhe restava para me trazer até Registro, pensando em meu futuro. E, na mesma noite, foi sozinho para o hospital. O

fato de ele ter-nos entregue aos meus tios, foi a melhor coisa que ele poderia ter feito em vida. Graças a isso, nós três irmãos, não ficamos perdidos, sem rumo e sem teto. Sinto o grande amor de meu pai nessa sua atitude.

No final da tarde desse mesmo dia, o dono do hotel veio me buscar dizendo: "Filho, seu tio veio buscá-lo. Venha comigo." E ele me levou até a carroça que estava parada lá fora. Subi na carroça e segui até a casa de meu tio. Soube depois que esse senhor que veio me buscar era um vizinho de meu tio Yokoya chamado Sr. Sakuma. Ele era uma pessoa muito bondosa e carinhosa e, ele estava acompanhado por um camarada (empregado) negro. Ele me pôs sentado no meio deles e seguimos caminho. O corpo balançava de um lado para outro. Depois de algum tempo, começou uma chuva fina e fria, parecida com a neblina, típica dessa região. Dependendo da época, esse chuvisco chegava a durar uma semana. Eu, que estava somente com a roupa do corpo, estava tremendo de frio. Então, o camarada que estava ao meu lado abriu seu casaco e cobriu-me. Graças a isso, pude seguir viagem quentinho, somente com o rosto de fora. Apesar de minha pouca idade, senti o calor da bondade das pessoas e disso não me esqueço até hoje.

Ao anoitecer, chegamos à casa de meu tio Yokoya, que seria o meu segundo lar a partir de então. Meus tios, que se lembravam bem de mim, abraçaram-me fortemente,

o que me fez sentir amparado e comecei a chorar nos braços da minha tia. A alegria que senti, naquele momento, ficou gravada na minha memória e lembro-me dela ainda, nos dias de hoje, o que me deixa muito emocionado.

### **Passando a viver na casa do tio Yokoya, o lar que me adotou**

Na época, meu tio tinha quatro filhos: o mais velho Yoshio de sete anos, o Mário, de cinco, o Kimio, de três e o caçula Akio, de dois anos. E unindo à turma, eu cheguei, Onofre, de seis anos. Imagino que não deve ter sido nada fácil para meus tios.

Meu tio Yokoya, que tinha se mudado para uma colônia da região de Registro, trabalhou somente quatro meses na lavoura e, depois, foi trabalhar como professor da escola japonesa de Katsura em 1923, aceitando um convite que recebera. Depois de três anos, foi transferido para Escola Primária de Registro como professor de japonês. Por ser educador, ele era muito rigoroso na educação dos filhos. Naquele dia, como eu não havia colocado nada na boca desde de manhã, não via hora de chegar a hora do jantar. Com fome, sentei-me à mesa com a nova família que tinha sete pessoas. Sobre a mesa, estava o prato pronto para cada um, com uma colher ao lado.

Quando minha tia mandou nos servirmos, as crianças, educadamente, cumprimentaram dizendo: "Itadakimassu", que significa "com sua licença, vou me servir" e começaram a saborear o jantar. Eu também fiz o mesmo e comecei a comer segurando a colher com a mão esquerda, pois eu era canhoto. Logo a minha tia disse carinhosamente: "Deve segurar a colher com a mão direita", e mandou-me trocar o talher de mão. Mas, toda vez que eu ia comer, automaticamente, acabava passando a colher para a mão esquerda e recebia novamente a advertência. Isso se repetiu por várias vezes e, no final, fiquei somente olhando para a comida sem saber o que fazer. Assim, não consegui também jantar nesse dia, mas lembro-me de que, no dia seguinte, não estava com tanta fome. Acho que minha carinhosa tia, deve ter me dado algo para comer sem que ninguém soubesse.

Mesmo com todo esforço de meus tios, eu não conseguia me tornar destro e, mesmo hoje, só consigo usar facas ou coisas perigosas com a mão esquerda. Depois de algum tempo, viram que as advertências não estavam surtindo efeito nunca mais implicaram com o fato de eu ser canhoto. Eram dias felizes, mas de vez em quando, dizia a todos que meu pai viria me buscar quando melhorasse da doença. Certo dia, minha tia chamou-me e disse: "Onofre, seu pai faleceu por causa da doença e, por

isso, não poderá mais vir buscá-lo." Depois desse dia, nunca mais toquei nesse assunto e assim foi a despedida dos pais.

### **Surpreendendo o professor da escola brasileira**

Depois de, aproximadamente, um ano da minha chegada à casa de meus tios, nasceu o quinto filho do casal. Lembro-me de que, ainda naquela época, o parto era feito pelo marido. Certo dia, meu tio chamou as crianças e disse: "Hoje, a mamãe vai ganhar um bebê e, por isso, fiquem todos brincando lá fora."

Quando o trabalho de parto se iniciou, ele repetiu, por várias vezes, a mesma frase e nós obedecemos docilmente. Lá fora quando ouvimos o choro do bebê, todos nós corremos para casa para vê-lo. O bebê estava chorando com um vigor incompatível com seu tamanho. Minha tia estava com os olhos fechados, deitada ainda de pernas abertas, cansada pelo esforço no parto. Meu tio estava todo atrapalhado, perguntando a sua esposa como se amarrava o cordão umbilical e onde estava a tesoura e a linha para amarrá-lo. Nós, crianças, ficamos ao pé da cama, olhando curiosos para aquelas cenas. Logo depois, minha tia chamou Yoshio, seu filho mais velho de oito anos, e pediu para ele trazer água quente e colocá-la na bacia para dar o primeiro banho no bebê. Com isso, mais um parto da família Yokoya



terminou bem. Depois de um tempo, fiquei pensando porque meu tio pediu para que as crianças ficassem brincando lá fora, se nem nos advertiu quando entramos no quarto e ficamos assistindo todo o processo, após o nascimento do bebê. Acredito que ele estava tão atordoado que nem se deu conta de que estávamos desobedecendo a suas ordens. Esse bebê, foi a quinta criança e a primeira menina do casal. Dois anos depois, houve outro parto, mas naquele ano, pela primeira vez, tivemos a presença de uma parteira. Meu segundo lar foi agraciado com doze crianças, mas faleceram três. Assim, contando comigo, éramos dez irmãos. Toda vez que vinham visitas, minha tia dizia que eu era a criança que estava sob sua guarda, para, talvez, disfarçar o grande número de filhos.

Com oito anos, fui pela primeira vez à escola. Obviamente, à escola brasileira. Recordo-me que, desde antigamente, a educação das crianças era algo fundamental na família japonesa. No primeiro dia de aula, assim que me sentei à carteira, escrevi todo alfabeto japonês e coloquei sobre a mesa do professor. Ele, surpreso, disse: "O que é isso?" Mesmo na escola de ensino fundamental da época, entre dez alunos, oito eram descendentes japoneses e, por isso, conversávamos somente em japonês entre os amigos. Todos eram muito obedientes e seguiam docilmente os ensinamentos dos pais.

Outra particularidade da época era que os alunos faltavam às aulas com a maior naturalidade na época da colheita do chá, do plantio de arroz, da capinação, etc, para ajudar seus pais. Isso, porque, mesmo as crianças eram uma mão-de-obra valiosa para a família. Assim, no período de mais trabalho na lavoura, havia pouca frequência na escola, o que deixava o professor muito preocupado. Por isso, quando os alunos voltavam às aulas, ele dizia: "Vocês não podem faltar às aulas só porque têm muito trabalho na roça. Vocês ainda são crianças e devem conversar com seus pais para não faltar à escola."

Mas para as crianças da época, que eram muito obedientes, era normal faltar às aulas para trabalhar na lavoura no período de pico e, por isso, não conseguiam entender as advertências do professor, uma vez que eles estavam atendendo aos pedidos de seus pais. De tanto que o professor falava a respeito, certo dia os meninos resolveram dar-lhe uma lição. Levantaram todos juntos e ficaram em volta da mesa do professor. O professor era um homem de porte físico grande, mas assustou-se com a atitude dos meninos e, depois dessa ocorrência, nunca mais advertiu os alunos por esse motivo. As crianças da época eram muito sadias e muito mais maduras para a idade que tinham. Por outro lado, perder o ano por causa de faltas era muito comum. Era normal para as crianças da lavoura

daquela época, levar dois anos para concluir cada série.

Lembro-me, também, de que, na época, os meninos andavam descalços e de calças curtas. Somente nos dias de festas ou de alguma data comemorativa calçávamos tênis. Os utensílios obrigatórios dos meninos eram: o canivete e o estilingue. Entrávamos muito na mata de todas as virgem, escalando montanhas, para passar o dia. Eram matas nativas, mas não sentíamos medo. Com o canivete e o estilingue, abríamos a mata e caçávamos pássaros com muita destreza. Eu não tinha muita habilidade para caça, mas conseguia subir em qualquer árvore como um macaco e colhia frutas. Por isso, mesmo passando o dia inteiro na mata, ninguém voltava com fome. Foi uma época em que as crianças brincavam livremente na natureza e não sentiam medo de nada.

Em volta das casas havia cafezais e muitos criavam galinhas, soltas no quintal. Por isso, vinham muitos lagartos, gatos do mato, raposas, tatus e outros bichos para pegar as galinhas e os ovos. Esses também eram alvos de nossa caça.

Na região de Registro, havia muitas aves selvagens e pescava-se grande quantidade de manjuba no rio Ribeira. Assim, nunca sentimos dificuldade em obter alimentos.

## **Chá Ribeira - Bebida típica de Registro**

Como disse anteriormente, a cidade de Registro foi construída pelas mãos dos primeiros imigrantes japoneses e subdividia-se em sete distritos. Era uma colônia extremamente grande. Eu vivia no segundo distrito. Foram os imigrantes japoneses que construíram as escolas, as ruas e tudo mais.

A escola funcionava em período integral, sendo que, na parte da manhã, eram dadas aulas de língua portuguesa e, na parte da tarde, eram dadas aulas de língua japonesa.

Naquela época, os produtos principais da cidade de Registro eram o café e o arroz, mas, por meio do Sr. Torazo Okamoto, introduziu-se o chá. Com o passar do tempo, o chá veio a se tornar o principal produto da cidade de Registro e, em diversas partes da cidade, foram construídas fábricas de processamento de chá, mas a que mais se destaca até os dias de hoje é, sem dúvida alguma, a fábrica administrada pelo Sr. Okamoto. A cidade de Registro dista cerca de 250 km ao sul da cidade de São Paulo e, até hoje, prospera como uma região onde residem grupos de japoneses extremamente unidos.

Bem, agora vou falar um pouco sobre a Colônia

Katsura, minha terra natal.

Segundo o monumento comemorativo da fundação da cidade, consta que foi fundada em 1913 na cidade de Iguape.

A região costeira do Rio Ribeira era muito ampla e pantanosa, sendo muito apropriada para o cultivo do arroz, e a colheita era transportada por navios a vapor e distribuída para diversas regiões. Na época, era uma atividade considerada muito próspera, mas, justamente por ser uma região pantanosa, não conseguiu acompanhar o progresso das regiões vizinhas e ficou parada no tempo.

Mesmo assim, o transporte por navio continuou timidamente. Com o passar do tempo, foram construídas rodovias, e os navios a vapor foram deixados de lado, ficando, no final, completamente esquecidos no porto. Como desapareceram os navios que eram o meio de transporte de produtos agrícolas, os imigrantes japoneses foram se mudando para a cidade de Registro e de São Paulo. Acredito que isso tenha ocorrido por volta de 1940. Assim, a primeira colônia de imigrantes japoneses - a colônia Katsura - situada às margens do rio Ribeira, voltou novamente a ser matas, tal como era, antes de sua colonização.

Quando visito a cidade de Cananéia ou Iguape, procuro também os vestígios da antiga Colônia Katsura

naquela região para matar a saudade daquela época. Em todas as minhas visitas, onde quer que eu passe, só há pântanos e mais pântanos. Fico a pensar por que os Imigrantes daquela época escolheram um terreno tão pantanoso? Na certa, procuravam um terreno para cultivar o arroz. Vou contar-lhes um episódio que ocorreu em uma das visitas que fiz há alguns anos à Colônia Katsura.

### **Uma pequena viagem à Colônia Katsura - Onde estará o brilho que havia no passado?**

Saí de São Paulo e peguei a BR-118, também chamada de Rodovia para Curitiba e, no meio do caminho, prossegui pela rodovia estadual em direção a Iguape por cerca de 220 km. A via pavimentada proporcionou uma viagem agradável de automóvel.

Apesar de eu ter completado 82 anos neste ano (2005), ainda utilizo o automóvel para ir a qualquer lugar, da mesma forma que eu fazia em minha juventude. Para Iguape, que é praticamente a porta de entrada para chegar até a Colônia Katsura - a minha terra natal-, já fui várias vezes dirigindo meu carro. Antigamente, o único meio de transporte para se chegar àquela colônia, a partir de Iguape, onde fica a foz do Rio Ribeira, era por meio de barco. Não sei exatamente quando, mas construíram estradas que

margeiam o rio, o que tornou a viagem muito mais prática. Hoje temos duas opções para ir de Iguape à Colônia Katsura, uma distância de 25 km. Uma viagem de automóvel leva cerca de meia hora e, se formos para Colônia de barco, leva cerca de 50 minutos, entretanto, a viagem de volta, que segue o curso do rio, leva apenas 40 minutos.

Minha última viagem à Colônia Katsura tinha sido há mais de 12 anos, ou seja, foi em 1993. Ao subir a estrada que margeia o rio por 25 km, já se avista a antiga Colônia na margem oposta. Como não há nenhum barco que faça a travessia para minha querida Colônia de Jipovura, peço aos caiçaras que vivem ali para chamar alguém que viva na margem oposta a fim de vir me buscar de canoa. Há muito tempo, eles exercem o "papel de atravessadores", levando as pessoas de uma margem para outra.

Os caiçaras e os moradores da região, de cada lado das margens, gritam um para outro e fazem sinais para se comunicar. Nessa viagem também foi assim. Atravessei de canoa para a margem onde ficava a Colônia Katsura e, chegando lá, procurei por algum resquício do que poderia ter sido o porto, mas não encontrei nada. Pode ser que o local não fosse ali. Naquele momento, duas crianças, filhos de caiçaras, aproximaram-se e começaram a fazer diversas perguntas. Eles eram muito amáveis e senti que as crianças daquela região ainda eram puras e ingênuas, e não sabiam

ainda o que é desconfiar das pessoas. Um deles perguntou-me se eu conhecia um japonês chamado Nakamura. Disse a ele que não conhecia, mas perguntei se ele sabia o nome dele. Ele me respondeu que ele se chamava Tadao Nakamura. Fiquei impressionado com a memória do menino. Então, perguntou-me se eu gostaria de ir até a casa dele.

Naquele momento, fui pego por uma súbita curiosidade em conhecer um nikkey, descendente de japoneses, que ainda residia na região e decidi seguir os passos dos meninos. Caminhamos pela trilha montanhosa tomada por matagais, conversando o tempo todo. No meio do caminho, avistei os pássaros garganteando no alto das árvores. O número desse pássaro foi aumentando e o garganteado foi ficando insuportável de se ouvir. Mas, olhando bem, vi que era um pássaro elegante de calda longa e muitos deles berravam: "Quá-quá-quá", de bicos abertos, fazendo maior alvoroço. Curioso, perguntei ao menino que pássaro era aquele. Ele me respondeu: - "Este pássaro é jacuíra." Assim, entre perguntas e respostas, acabamos por avistar a casa do Sr. Tadao Nakamura.

Ao me aproximar da casa, o que me intrigou foram as enormes árvores que cobriam a fachada da casa. Em apenas uma, justamente naquela que ficava bem em frente à casa, estavam os ninhos das jacuíras, com sua



característica peculiar. Dos galhos, saíam fios de aproximadamente 50 centímetros e neles havia ninhos de rara beleza do tamanho de quatro punhos cerrados. Era um número incontável de ninhos dependurados que prenderam a minha atenção.

Depois do efeito dos ninhos da jacuíra, voltei a observar, com mais calma, a morada do Sr. Nakamura que era uma casa simples coberta de sapê, onde se via muito na minha infância, quando vivia na Colônia Katsura, construída no meio da floresta. Isso me fez lembrar daquela época com muita saudade.

Felizmente, o Sr. Nakamura e sua esposa encontravam-se em casa e, ao explicar o objetivo de minha visita, o Sr. Nakamura surpreendeu-me, dizendo que conhecia meu irmão mais velho Naoto e meu irmão mais novo Tomizo. Eles eram amigos de infância e pude ouvir várias histórias interessantes.

Quando eu me separei de meu pai na ocasião de sua morte, fui adotado pelo meu tio Yokoya que morava em Registro, e meus irmãos, o mais velho e o mais novo, ficaram na Colônia Katsura junto com meu tio Ono e, assim, acabamos ficando separados. Por isso, eu não sabia nada sobre a infância de meus irmãos. O Sr. Nakamura tinha a mesma idade de meu irmão mais velho, e os três brincaram juntos. Ele me contou diversas histórias daquela época que

eu desconhecia.

Quando estávamos entretidos na conversa, da sala ao lado, ouvi um barulho muito peculiar, um antigo som, e perguntei ao Sr. Nakamura:

- Que barulho é esse?

- Ah! Minha esposa está beneficiando o arroz com pilão.

Eu sabia que tinha ouvido aquele som em algum lugar. Era um som peculiar que estava gravado em minha memória.

- Será que posso dar uma olhada?

- Mas é claro, venha comigo.

Ao abrir a porta e entrar na sala ao lado, lá estava a esposa retirando diligentemente a casca do arroz.

- Senhora, quanto de arroz branco dá para se tirar em um pilão?

- Eu tiro cerca de 2 kg de arroz.

- E para se limpar o arroz, quanto tempo se leva?

- Eu levo cerca de duas horas.

Depois de conversar com sua esposa por um tempo, voltei ao local onde estava o Senhor Nakamura, e indaguei:

- De quê os senhores vivem agora?

- Eu vivo de uma plantação de maracujá, respondeu com muito entusiasmo.

- Poderia me mostrar a plantação?

Ao ouvir meu pedido, o Sr. Nakamura levantou-se e disse:

- Mas é claro, venha comigo!

A partir do meio do caminho, já se avistava uma plantação ampla à margem da estrada, e eu perguntei:

- Esse terreno também é seu?

- Sim. E ainda pretendo plantar arroz do tipo mochigome.

Fomos mais adiante, e vi uma vasta plantação de maracujá a minha frente. Eram frutos enormes de maracujá, em grande quantidade. Ele me disse que tinha cerca de um quarto de alqueire (6.000 km<sup>2</sup>).

Segundo Sr. Nakamura, o maracujá colhido era carregado até a beira do Rio Ribeira, e de lá era transportado por canoas até Iguape. Do porto, era carregado em carroças e levado até o mercado onde era negociado com os comerciantes.

Após observar as plantações do Sr. Nakamura, notei que não havia animais como porcos, cabras, etc, e essa ausência me surpreendeu. Curioso, perguntei o porquê dele não criar cabras que podem fornecer leite diariamente para preparar laticínios em casa. Ele me respondeu que a cabra, para ele, era muito barulhenta.

Mas eu notei pelo barulho, as jacuíras que berram ruidosamente do alto das árvores, eram bem mais

barulhentas. Por pouco, eu ia comentar sobre isso, mas engoli as palavras a seco, pois achei que os pássaros eram criados pelo Sr. Nakamura. Então, perguntei-lhe:

- Que razão o senhor dá para esses pássaros?

- Não dou nada, não.

Contou-me que os pássaros eram selvagens e que eles se alimentavam apenas de verduras e frutos. E que as jacuínas eram muito inteligentes e que haviam escolhido a árvore que ficava bem em frente a sua casa, entre várias, para fazer seus ninhos, para proteger os ovos e filhotes dos ataques das ferozes cobras e das águias, a fim de poderem continuar a se procriar.

Acabei ficando por um bom tempo na casa do Sr. Nakamura. Foram-me servidos chás e doces e empolguei-me na conversa, esquecendo completamente o passar das horas. Por fim, fiz ao Sr. Nakamura uma pergunta que não saía da minha cabeça.

- O meu pai, de quem me separei em minha infância, no momento de sua morte, chamava-se Zensaku Sakagawa. O terreno que lhe pertencia é o local onde nós três nascemos. Nesse local do terreno, havia um monte e uma cachoeira chamados de Caiubá. Por acaso, o senhor conhece esse terreno?

- Sim, conheço sim. Fica bem mais para dentro.

Soube que ficava a uma distância que não podia

ser percorrida, ida e volta, em um só dia. Para finalizar minha visita, fiz-lhe a última pergunta fitando-o atentamente:

- Sr. Nakamura, o senhor pretende passar o resto de sua vida aqui? Não tem intenção de ir para algum lugar mais civilizado?

Então, ele me disse o seguinte:

- Bem, depois de tanto tempo, não tenho vontade alguma de sair daqui. Penso em terminar minha vida nesta terra, e esboçou um sorriso.

Ao anoitecer, despedi da casa do Sr. Nakamura e retornei ao hotel em Iguape. Após o jantar, deitei-me na cama para usufruir o momento, antes da chegada do sono, e os acontecimentos do dia começaram, um a um, a surgir em minha cabeça. Eram lembranças alegres, mas a sombra de tristeza, que notei na fisionomia do Sr. Nakamura após a última frase, ficou marcada em meu coração.

## **A prosperidade da Família Yokoya**

Entramos na década de quarenta, o mundo atravessava uma situação incerta e, com Brasil aliando-se aos EUA, o tratamento em relação aos japoneses tornou-se hostil. Não se podia mais conversar em japonês e as escolas japonesas tiveram de encerrar as atividades. Passados dois

anos, o tio Yokoya, que era professor de japonês, resolveu mudar-se para a cidade de São Bernardo do Campo, no Estado de São Paulo, onde já teve compra de um terreno.

Eu já estava com quatorze anos e, graças ao esforço de todos de família, incluindo-me, conseguimos construir uma casa no campo. Nesse terreno, iniciamos com a criação de galinhas e plantamos diversas verduras. Desde aquela época, fui incumbido de cuidar da plantação. Nesse meio tempo, a situação na Europa agravou-se, e o Japão foi ampliando sua frente de batalha no continente chinês, o que acabou deflagrando a Segunda Guerra Mundial, chamada, no Japão, de Grande Guerra da Ásia Oriental. A aliança do país do Sol Nascente com a Itália e a Alemanha transformou essa guerra em uma luta entre o Japão e os EUA. O Brasil apoiava os EUA e, com isso, os japoneses eram, agora, o povo do país inimigo. Os imigrantes japoneses do Brasil, inesperadamente, passaram a receber maus-tratos. A família Yokoya, em comparação aos demais japoneses, teve mais liberdade de ação, pois tiveram a proteção do país, graças a seus três filhos mais velhos que estavam na idade de alistamento militar. Nesse ponto, tivemos mais sorte. Mesmo assim, sofremos muito. Alguns amigos nisseis (de segunda geração) foram enviados para a Itália como soldados, mas graças a Deus, todos regressaram com vida.

Nossa família, por ser numerosa, nunca precisou de empregados (chamados de "camaradas" na época) no trabalho da horta e todos os produtos colhidos eram vendidos nas feiras e nos mercados. Os filhos já estavam criados e todos trabalhavam muito. Eram uma mão-de-obra maravilhosa. Graças ao esforço de toda família, após alguns anos, adquirimos um terreno de 30 alqueires na região de Alvarenga, na cidade de São Bernardo do Campo, e construímos uma bela residência em um dos cantos do terreno, para onde nos mudamos. A família Yokoya estava atingindo o auge da prosperidade, mesmo em uma época muito sofrida para os japoneses.

### **Complexo de inferioridade oculta em minha personalidade**

Gostaria, novamente, voltar a falar de mim. A perda de meus pais na infância, tornou-me uma pessoa muito complexada. Cada vez que ocorria algo em casa, logo, em meu âmago, pensava que aquela não era minha verdadeira casa e que eles não eram meus verdadeiros pais. Sentimentos tristes e de solidão tomavam conta de mim. Mesmo quando tinha algo que eu queria muito, ficava só olhando, calado. Nunca pedi a ninguém que me desse o que queria. E quando levava bronca, apenas abaixava a

cabeça e ficava calado. Mesmo quando fazia algo errado, somente pedia desculpas, jamais me justificava. Guardava tudo para mim.

Talvez em reação contrária a isso, fora de casa, eu era uma criança muito indisciplinada. Na escola, vivia levando bronca do professor, pois não gostava muito de estudar. Às vezes, brigava com os amigos e voltava para casa com as roupas sujas. Minha tia perguntava-me o que havia acontecido, mas eu respondia, simplesmente: "Não foi nada", e entrava em casa sorrateiramente. Minha tia, mãe de criação, sempre se preocupava comigo, mas eu não conseguia me abrir com ela, pois meu sentimento de que ela não era minha mãe verdadeira era muito forte.

A medida que fui crescendo, meu complexo de inferioridade foi ficando cada vez mais forte e, para ser reconhecido pela família, comecei a trabalhar tanto a ponto de esquecer até de mim mesmo. Esse esforço demasiado deslocou meu osso do quadril, mas mesmo assim, por cerca de meio ano, andei agüentando a terrível dor.

Por sorte, nessa época, havia um massagista muito bom na vila, e minha tia mãe levou-me para receber o tratamento de acupuntura, moxabustão e massagem. Levei um longo tempo para me curar desse problema.



## **A idéia para reestruturar a Família Sakagawa**

O tempo foi se passando e quando estava com 22 anos, meu tio Tanisaburo Ono, casado com a irmã de meu pai que morava na Colônia Katsura de Iguape, veio repentinamente à casa para conversar sobre mim e meus irmãos verdadeiros.

O meu tio Ono disse que pretendia tornar independentes os filhos do Zensaku Sakagawa que estavam sob sua guarda, para que o nome da família Sakagawa pudesse continuar, e queria que eu, o segundo filho Onofre, que estava sob cuidados da família Yokoya, também fizesse parte dessa reestruturação. Nessa época, o primogênito Naoto já estava com 24 anos, eu, com 22 anos e meu irmão mais novo, Tomizo, com 20 anos.

O tio Ono levou dois dias tentando convencer meu pai de criação, Sr. Yokoya, mas ele se recusou, dizendo que nós nos separamos na infância e, depois disso, nunca mais havíamos nos encontrado. Conviver juntos depois de tanto tempo poderia não dar certo.

Mesmo após a recusa, ficou decidido que eles iriam consultar o próprio interessado, ou seja, eu e disseram para eu pensar bem e dar a resposta. Então no outro dia respondi: "Deixem que eu vá."

Nesse momento, meu pai de criação disse que, algum dia, faria de mim um homem independente e não permitiu que eu fosse ficar com meus irmãos.

No final das contas, meus irmãos Naoto e Tomizo reergueram a família Sakagawa. Eu fiquei conformado, mas, após a minha resposta, as coisas tornaram-se difíceis para mim.

Meus pais de criação disseram que eu era um ingrato. Só por que vieram me buscar, eu havia esquecido dos quase 20 anos de acolhida dessa família e queria deixá-la. Sofri muito depois desse acontecimento.

### **Decidido a fugir de casa, abandonando a idéia de suicídio**

O tempo passou e as crianças da família Yokoya estavam na idade apropriada para se casar. Assim, primeiramente, Yoshio, o primogênito, casou-se aos 25 anos de idade. O próximo seria eu, pela idade e, certo dia, levado pelo meu pai adotivo, fui fazer o "Omiai" - encontro por apresentação.

Eu estava com 26 anos e a moça, para qual fui, apresentou muito elegante mas para mim apresentava algo triste e não demonstrava alegria. Na mesma noite, minha mãe de criação perguntou-me como havia sido o "Omiai".

Imediatamente, respondi que não havia gostado e mesmo ela insistindo em perguntar o que eu não havia gostado, eu repetia a mesma resposta. De repente, as lágrimas começaram a escorrer e não paravam mais. A minha mãe de criação ficou sem saber o que fazer e disse a meu pai adotivo para não insistir mais, pois, se eu não queria a ponto de chorar tanto, não adiantaria levar adiante esse assunto. Mas já era tarde demais. Meu pai adotivo tinha acabado de retornar à casa, aceitando o compromisso de matrimônio com a família da moça.

Meu pai adotivo era muito rigoroso e, nesse caso, em particular, acabou ficando extremamente nervoso e muito bravo. Ele dizia que nada mais poderia fazer para quem não queria casar com a moça que o pai havia escolhido. Naquela época, era costume casar os filhos na seqüência de idade. Assim, depois do primogênito seria minha vez de casar para que os demais irmãos mais novos pudessem casar na seqüência. Se eu não me casasse, os filhos mais novo da família Yokoya não poderiam se casar.

Então, meu pai adotivo começou a descarregar seu nervosismo em mim, perguntando o que eu pretendia fazer. Quando respondia que não sabia o que fazer, ele ficava furioso e gritava: "Faça como você quiser. Você é um bobo". Meu irmão mais novo, Mário, ao ouvir as palavras do pai, respondeu que não achava que eu era tão bobo assim. Mas

eu respondia que eu era realmente um bobo. E assim, passaram-se dois anos. Eu estava encarregado de cuidar da horta e, talvez por lidar com adubo de animal como estrume de cavalos, porcos e galinhas, fui acometido por uma séria doença intestinal, a disenteria amebiana.

Meu corpo foi se enfraquecendo cada vez mais a ponto de não conseguir mais trabalhar e os membros da família passaram a me tratar com muita hostilidade. Tinha raiva de mim mesmo que, mesmo sendo maltratado, não podia fazer nada.

Certo dia, toda família estava compenetrada para colheita de verduras para a feira do dia seguinte. As verduras seriam levadas de carroça puxada a cavalo e, normalmente, isso era serviço do primogênito Yoshio e do segundo filho, Mário. Mesmo durante o jantar, após o carregamento do produto, meu pai de criação queixava-se de mim que não conseguia trabalhar como queria por causa da dor no corpo e do cansaço. Ele perguntava o que eu pensava da vida.

Toda vez que ele me dava bronca dessa forma, eu só abaixava a cabeça e me calava. Eu estava tão deprimido que nem conseguia falar que estava com o corpo dolorido e passando mal. Após passado muito tempo, eu referi, que porque não falei uma palavra que estava muito mau e não podia trabalhar. Nessa altura estava mesmo muito deprimido.

Após o jantar, todos se reuniram para aplicar a vacina nos pintinhos, mas como eu não estava me sentindo bem, não conseguia trabalhar a contento. Então achei que eu não iria mais agüentar esse sofrimento e decidi cometer suicídio. Havia uma grande quantidade de agrotóxicos em casa. Bastava diluí-los em água e tomar. Eu poderia morrer instantaneamente. Quando decidi tirar minha própria vida, nesse momento passou pela minha cabeça: "Oras, eu posso morrer a qualquer momento que eu quiser. Então, por que não vou tentar a vida fora desta casa? Não seria tarde demais para morrer mesmo que deixasse para depois que essa tentativa fracassar." Assim, pela primeira vez, decidi fugir de casa. Até então, confiava cegamente em meus pais de criação e sempre dependia deles, mas, naquele momento, meu sentimento transformou-se por completo. Incrivelmente, os problemas, pesados como um chumbo, que estavam sobre mim, pareciam ter desaparecido e até o cansaço físico sumiu como uma mágica. Agora dependia apenas de passar do plano para a ação. O mais importante era como sair de casa sem ser percebido. Eu fiquei tão calmo e escrevi um bilhete pedindo para que não me procurassem. Coloquei-o no Oratório e deitei-me com a roupa de trabalho, deixando, no bolso, minha identidade. Fingi estar dormindo, a espera de que pessoal da casa pegasse no sono.

## **Salvo por um senhor japonês muito gentil**

Chegou a hora de Yoshio e Mário partirem para feira e ouvi o barulho da carroça. A feira desse dia era em São Caetano. Era onze e meia da noite do dia 17 de abril de 1952, a data inesquecível para mim. Eu, Onofre, estava com 28 anos. Agarrei-me à parte posterior dos produtos empilhados na carroça e parti. A carroça dirigia-se para a rodovia em direção a Santos.

Ao chegarmos na ladeira de Piraporinha, a carroça movimentava-se devagar, e por trás da carroça, muitos carros com os faróis acesos nos ultrapassavam. Desci da carroça para não ser descoberto e andei em direção à rodovia de Santos. Chegando na rodovia, sinalizei para muitos carros pedindo carona, mas nenhum carro parou. Nesse momento, percebi que havia um ponto de ônibus que iria de São Bernardo até São Paulo. Fiquei esperando com mais algumas pessoas. Quando o ônibus chegou, os passageiros entraram, mas eu não, porque estava sem um tostão. O cobrador me fez sinal para entrar, mas disse lhe: "Eu queria ir para o Parque Dom Pedro, mas não tenho dinheiro para a passagem, posso ir assim mesmo?" Então, o cobrador pediu a autorização do motorista e deixaram-me entrar no ônibus. E assim, cheguei ao Parque Dom Pedro

sem nenhum contratempo.

Nos arredores da atual Praça da Sé, havia o ponto inicial do bonde que ia para o subúrbio de São Paulo, onde haviam pólos industriais. Acho que eram sete horas da manhã e o bonde estava lotado de trabalhadores que se dirigiam ao trabalho. Entrei sorrateiramente no bonde que havia chegado. Não fazia idéia para onde iria. Deixei a sorte nas mãos de Deus. O ponto final era no bairro da Móoca, no pólo industrial do Belenzinho. Eram oito horas da manhã do dia 18 de abril de 1952, e estava bem no horário da entrada dos trabalhadores nas fábricas. Fui meio que envolvido pelas pessoas que iam entrando e acabei chegando a um escritório. Solicitei por um emprego, e fui recusado, e andei por mais algum tempo, e no escritório seguinte, disseram gentilmente que o presidente da empresa ainda não se encontravam, mas que era para eu trabalhar enquanto aguardava. Depois de trabalhar por cerca de duas horas, fui chamado à sala do presidente da empresa e, depois de explicar sobre tudo que havia acontecido comigo, acabei ficando com o emprego. Pensando agora, foi o início de uma vida feliz. Graças ao diretor da planta dessa metalúrgica que era um japonês chamado Nishikido, consegui dar um passo para a felicidade. Nesse dia, almocei com o Sr. Nishikido e, de noite, ele me levou para sua residência que ficava no Jabaquara, onde jantei junto com sua família.

Depois do jantar, o Sr. Nishikido levou-me para o alojamento dos operários, que ficava bem perto, e disse-me: "Descanse tranqüilo", e retornou para sua casa. Como eu estava nervoso desde a noite anterior, ao me deitar na cama, dormi profundamente. Lembro-me de que havia muito tempo não dormia tão bem.

### **Sonhando com a minha mãe de criação por uma semana**

No dia seguinte, despertei e preparei-me para trabalhar. Foi quando o Sr. Nishikido apareceu e fomos juntos para a fábrica. Assim, por algum tempo, ia ao trabalho junto com ele, mas consegui uma moradia perto da fábrica e mudei-me para lá. A fábrica produzia a base de lâmpadas e outros utensílios domésticos. O diretor da planta, Sr. Nishikido era muito bondoso e, talvez, por compaixão pela condição em que eu me encontrava, sempre que possível, dava um jeito para eu fazer horas-extras e trabalhos em casa. Eu senti o prazer da liberdade. Nas horas livres, saía com outros colegas de trabalho para ver fábricas de vidro, papel, etc. E cada vez mais, fui me tranqüilizando e me adaptando a essa nova vida, mas ao mesmo tempo, comecei a me sentir envergonhado por ter fugido de casa e mudei até meu nome para Kikuo para não ser reconhecido e ficar



bem longe de minha família. Mas, depois de uns meses, quando já me encontrava mais calmo, passei a sonhar com a família que deixei, quase todas as noites. O sonho era sempre o mesmo: minha mãe de criação aparecia e chamava por mim. No sonho ela dizia: "Onofre, onde você está? O que você está fazendo? Você está bem? Volte para casa! Todos estão te esperando!".

Sonhei durante toda semana sonhos semelhantes. No final, quando despertei, não mais agüentei e chorei muito, mas muito mesmo, abafando o choro. Nesse instante, pensei que "não podia deixar do jeito que estava e que precisava mandar notícias para minha casa". Lembrei-me, então, de que meu tio Ono, casado com a irmã mais velha de meu pai verdadeiro, havia se mudado para bairro de Santo Amaro, nos arredores da cidade de São Paulo, após ter vendido seu terreno na colônia de Katsura e resolvi consultá-lo. No primeiro final de semana, fui até a casa dele, o que o deixou muito surpreso, mas recebeu-me de braços abertos e, imediatamente, ele entrou em contato com meu pai de criação. Passados alguns dias, meu irmão mais velho Naoto encarregou-se de tudo e fui pedir perdão a meu pai de criação, acompanhado do tio Ono e meu irmão mais velho e suas respectivas esposas. Fomos convidados para almoçar juntos e ficamos conversando até entardecer. Todos que me acompanharam foram embora, mas pediram

para que eu ficasse na casa de meu padrasto. Acredito que conversaram e definiram o que fazer com meu futuro. Quando estava andando, muito emocionado, em volta da plantação à qual havia dedicado meu suor, meu irmão Mário, um ano mais moço que eu, veio me chamar dizendo que Onofre papai está chamando. Quando estava entrando no quarto dele, minha mãe disse-me: "Onofre, peça desculpas ao pai". Eu respondi que sim e entrei no quarto. Até hoje não sei o que aconteceu comigo e nem sei de onde saíram aquelas palavras. Simplesmente disse: "Papai, eu não vou pedir desculpas!", pai, ao ouvir tais palavras, ficou surpreso e, em seguida, furioso gritou: "Já basta! Onofre, vá embora!". Simplesmente respondi, "Sim Papai vou embora, virei as costas e saí de casa sem me despedir de minha mãe e nem de meus irmãos. Percebi, então, que eu havia mudado.

Pensando bem depois de me acalmar, apesar de ninguém ter comentado nada sobre isso, acredito que, naquele dia, meus tios haviam decidido o que fazer para me ajudar.

### **Trabalhando junto com meu irmão mais velho no comércio de ovos e a construção da casa própria**

Em dezembro de 1952, repentinamente, meu irmão

mais velho Naoto veio me procurar e perguntou-me se eu pretendia ficar por resto da minha vida trabalhando na fábrica e se eu não queria trabalhar com ele. Depois de conversarmos muito, decidi trabalhar junto com ele. Naquela época, meu irmão trabalhava no Mercado Municipal de São Paulo, como encarregado de uma empresa de venda por consignação de aves e ovos. No dia seguinte, após o término do trabalho, fui conversar com o Sr. Nishikido, diretor da fábrica, sobre a proposta de meu irmão e sobre a minha decisão de sair daquele trabalho. Foi um momento muito doloroso para mim, pois, desde que saí de casa, ele cuidou de mim como se eu fosse de sua própria família. Ao ouvir a minha explicação, ele concordou docilmente e disse: "É uma pena, mas se é para seu bem, não tem jeito. Esse caminho é o melhor para seu futuro. Trabalhe com afinco junto de seu irmão", e entregou-me todo o dinheiro que eu havia deixado aos seus cuidados. Na hora, eu nem contei, mas fiquei extremamente agradecido. Como eu sempre havia trabalhado na lavoura com meu tio sem ganhar sequer um vintém, não tinha muito interesse sobre salários e, mesmo trabalhando na fábrica do Sr. Nishikido, em nenhum momento perguntei o valor de meu salário. Eu recebia só a quantia necessária para as despesas do mês e deixava o restante nas mãos do Sr. Nishikido. Eu nem lhe perguntei quanto havia poupado.

Eu recebi o valor equivalente a oito meses de salário, referente ao período do dia 18 de abril de 1952, quando iniciei a trabalhar às oito horas da manhã, até dezembro do mesmo ano. As pessoas da fábrica eram muito gentis e tive muita sorte em poder trabalhar num ambiente como aquele. Fui muito feliz em meu primeiro emprego e fiquei extremamente grato por isso.

A partir de janeiro de 1953, passei a trabalhar com meu irmão Naoto, morando em sua casa, mas também não perguntei quanto iria ganhar. Há muito tempo meu irmão morava em Cachoeirinha, um pouco depois do bairro Imirim que ficava depois de Santana. Saíamos juntos trabalhar em sua caminhonete. Aos sábados, trabalhávamos meio período e folgávamos aos domingos. Depois de um tempo, senti que estava ocioso, perdendo tempo. Assim, pedi que carregasse os ovos na caminhonete, na volta da empresa, e passei a vendê-los nos dias de folga, de casa em casa, com os ovos numa cesta, batendo palmas a cada porta. Isso foi um sucesso e vendi muitos ovos. Tendo isso como início de meus negócios, passei a vender na feira e entregar em diversas lojas. No fim de março de 1953, meu irmão Naoto, perguntou-me, de repente, se eu não queria comprar um terreno que o amigo dele estava vendendo por um preço muito baixo. Depois de alguns dias, fomos junto com o dono do terreno para ver o local. O terreno de quase 400

m<sup>2</sup> ficava em um lugar alto, em frente a uma avenida, e agradou-me muito. Mas quando eu perguntei o preço, o dono deu-me um preço tão baixo que não pude deixar de indagar o porquê daquele valor. Então, ele me respondeu que era porque não tinha conseguido encontrar água nas tentativas de cavar o poço. Como seu objetivo era construir uma casa e morar, então resolveu vendê-lo. E ele me disse claramente: "Então, para mim não serve!". Naquela época, havia eletricidade, mas a água encanada ainda não tinha chegado até aquela região.

Pensando bem, as condições também seriam iguais para mim, mas não sei o que pensei, resolvi comprar. Depois de comprar esse terreno, percebi que havia conseguido adquiri-lo à vista somente com o dinheiro que o Sr. Nishikido tinha guardado durante os oito meses em que eu, um camponês sem nenhuma experiência, trabalhei na fábrica. Era o valor do salário de oito meses, menos as despesas de cada mês.

Como eu disse anteriormente, o Sr. Nishikido tinha muito carinho por mim e deixou-me fazer muitas horas extras e deu-me muitos trabalhos extras. Graças a isso, consegui o dinheiro para adquirir um terreno, e sou profundamente grato por isso.

Voltando ao problema da falta de água, procurei, imediatamente, os poços. Quando o encarregado iniciou

a escavação, levou um susto, pois havia três locais onde haviam iniciado a escavação de um poço, mas como não tinham encontrado água, encheram-nos de pedras. O encanador perguntou-me: "O que faremos? Não posso garantir nada ao senhor, mas vamos tentar abrir um outro ao lado do que cavaram?" Então, resolvi arriscar.

Assim, iniciamos a escavação do quarto poço, que por sorte, saiu água em abundância. Como a imobiliária havia me prometido que, se eu construísse logo uma casa naquele terreno, daria telhas, tijolos, janelas, portas, etc, decidi construir o mais rápido possível. Mas faltava-me capital. Assim, procurei meu Tio Ono, que havia se mudado para Brooklin na região de Santo Amaro, para pedir-lhe um empréstimo.

Depois de ele me ouvir, perguntou quanto eu precisava. Acho que a moeda na época era o cruzeiro, e eu lhe pedi 10.000 cruzeiros. Ele me emprestou esse valor sem hesitar. Quando eu disse que minha intenção era de devolver-lhe até dezembro e que queria saber quanto de juros deveria pagar, ele me respondeu: "Não se preocupe com isso. Devolva-me quando puder". Fiquei muito grato por suas palavras.

Dessa forma, com o apoio de meu tio e meu irmão, a minha primeira casa própria ficou pronta no final de 1953. Era modesta, mas era a primeira conquista de toda minha

vida, e estava extremamente emocionado. Aproveitando a conclusão de meu castelo e a quitação da dívida no final do ano, tornei-me independente, passando a me empenhar no trabalho. Passei, então, a entregar os ovos para feirantes, empórios, etc. Nessa época, comprei o carro antigo de meu irmão, pois ele adquiriu um carro maior, e meu empreendimento estava começando a se firmar. Morava sozinho em minha casa que ficava em um lugar alto e, certa noite, dois ladrões invadiram-na, levando todos os móveis. O que me salvou foi a pequena poupança que eu tinha no banco. Nessa ocasião, senti a necessidade de me mudar para um lugar menos deserto, logo que minha situação financeira melhorasse. Essa passou a ser minha nova meta e comecei a sonhar com isso.

### **Bons ventos no casamento e no negócio**

Em 1956, meus negócios estavam indo muito bem. Todos começaram a se preocupar com meu casamento e acabei me casando com a filha de um feirante como eu. Na hora de me casar, consultei meu irmão se, apesar dos ocorridos do passado, poderia convidar meus pais de criação para esse acontecimento importante da minha vida e ele concordou. Assim, levei pessoalmente o convite, mas a família Yokoya não compareceu à cerimônia. Mas eu depois

de ter saído da casa, sempre enviei cartões de Natal, informando-os sobre como andava minha vida. Minha esposa Etsuko, nascida na província de Yamaguchi, era a terceira filha de uma família de sete irmãos. Ela também perdera a mãe quando criança e fora criada por seu pai. Oito anos mais nova que eu, na época, ela estava com 24 anos. Apesar de tudo, assim começou minha nova vida e demos o primeiro passo na vida a dois com muita felicidade. Isso me trouxe uma nova razão para empenhar-me ainda mais em meu trabalho. Passávamos dias atarefados, pois tínhamos mais fregueses.

Foi nessa época em que nasceu meu primeiro filho, Hajime. Com isso, tornei-me pai como todos e minha casa estava repleta de alegria. Eu estava pensando em me mudar para um lugar mais próximo à cidade, por causa do trabalho e, também, de meu filho, quando encontrei uma casa na Vila Guilherme, um ponto mais comercial da cidade de São Paulo. Nós nos mudamos para lá. Só depois, percebi que esse foi mais um lance de sorte para mim, pois era um local ótimo para ampliar meus negócios. Anos depois, ingressei na Associação Esportiva e Cultural do Carandiru, uma entidade nikkey da Vila Guilherme e, posteriormente, fui eleito presidente. Apesar de minhas deficiências, tenho me dedicado a essa função até hoje.

Não sei se foi por causa da vida tranqüila dessa



época, nessa altura reapareceu a minha terrível disenteria amebiana voltou. Eu a havia esquecido desde que fugi de casa. Ao consultar um médico, ele me disse muito surpreso: "Sr. Onofre, seu intestino está totalmente tomado por amebas e nem sei como senhor conseguiu chegar vivo até aqui." Ele me explicou que como as amebas tinham ficado muito tempo incubadas, a mucosa intestinal havia enfraquecido e que levaria muito tempo para me curar. Assim, ele me recomendou ter muito cuidado com a alimentação e paciência para me tratar. Obedeci rigorosamente às orientações do médico e consegui eliminar por completo a ameba, seguindo o tratamento por muito tempo.

Mas onde as amebas estavam escondidas, seja haviam se passado sete anos desde que saíra de casa? Acho que até as amebas tiveram pena de mim, e enquanto eu lutava pela minha sobrevivência, elas ficaram quietinhas em algum canto.

Depois disso, meu empreendimento foi progredindo de vento em popa, passei a comprar um terreno a cada dois ou três anos e construí casas. Contratei funcionário e abri uma nova empresa chamada Granja Fartura. Depois que comecei, também, a adquirir os ovos diretamente das granjas, passei a percorrer as regiões de Bastos e de Alta Paulista de carro, ampliando meus contatos

de negócios.

Por meio desse trabalho, conheci muitas pessoas e o que mais me gratificava era a confiança que elas depositavam em mim, pois, em tudo nesta vida, o mais importante é a confiança. Se trabalharmos com muita seriedade, conquistamos naturalmente a confiança das pessoas. Dentre as muitas granjas com as quais tive contato, não me esqueço de duas: uma produzia ovos brancos e a outra, ovos vermelhos. Essas duas granjas, por mais de 10 anos, até a morte de seu dono, confiaram toda sua produção a mim. Isso só é possível quando há muita confiança. Se não, não designariam toda sua produção para uma só empresa durante tantos anos. Sou eternamente grato por isso.

A partir dessa época, passei a entregar os ovos para supermercados. Apesar da concorrência das grandes granjas, os negócios cresceram continuamente. Eram dias felizes, apesar de muito trabalho. Meu hobby daquela época era cinema e, quando encontrava uma folga, ia assistir a filmes. Certa vez, quando estava na sala de espera do cinema, alguém bateu em minhas costas e disse: "Você não é o Onofre?" Quando me virei, lá estavam meus pais de criação. Haviam se passado quase 10 anos, desde que nos separamos. Na hora, muitas lembranças passaram pela minha cabeça, mas meu pai me disse com muito carinho:

"Onofre, você está bem? Soube que você está se empenhando bastante. Tem até filhos não é mesmo? Venha nos visitar com suas crianças. Nós estaremos esperando." Foram as primeiras palavras amáveis que ouvi dele desde que saí de casa. Isso abrandou todo ressentimento que havia dentro de mim e, na primeira oportunidade, levei minha família na casa do pai e mãe da criação. Eu já era pai de três filhos. O tempo se encarregou de lavar todas as mágoas e, uma vez livre desses sentimentos, restou somente a gratidão por terem me criado. Depois disso, passei a visitá-los com frequência.

### **Viagem ao Japão para visitar o túmulo da família. Finalmente, a oportunidade de sufragar as almas de meus pais**

Depois que me tornei pai, compreendi os sentimentos de meus pais de criação. Eles foram severos comigo porque queriam que eu me tornasse um homem respeitável, uma vez que a eles foi confiada minha guarda. Pela mesma razão, devem ter pensado em arrumar um bom matrimônio. Todos os membros da Família Yokoya casaram-se e vivem felizes. Se, naquela época, eu tivesse sido mais sincero e explicado a meus pais os motivos pelos quais não podia me casar, talvez não teríamos tido a desavença. Mas por outro lado,

foi o fato de eu ter fugido de casa que me levou a chegar onde eu estou hoje. Por isso, é difícil saber o que pode favorecer a vida de um homem.

À medida que melhorava a minha situação financeira, as lembranças de meus falecidos pais vinham à tona. Segundo minha mãe de criação, quando meus pais sentiam saudade do Japão, contavam para seus filhos sobre sua terra natal com muita nostalgia. Eles morreram dizendo, repetidamente, que queriam retornar ao Japão. Toda vez que minha mãe de criação contava esse episódio, mesmo ainda menino, eu jurava para mim que quando crescesse, em primeiro lugar, iria ao Japão, visitar a terra natal de meus pais e rezar no túmulo da família. Essas lembranças foram voltando à minha cabeça e, finalmente, decidi visitar o Japão. Peguei com meus pais de criação e meu tio Ono, os endereços detalhados da terra natal de meus pais e, em meados de maio de 1979, fui ao tão sonhado Japão com a minha esposa e sua irmã mais velha com seu marido. Eu estava com 55 anos e a minha esposa com 47 anos. Já haviam se passado 27 anos, desde minha fuga de casa.

Durante minha estada de dois meses, visitei diversas partes do Japão e pude tirar o cansaço de longos anos. Primeiro, visitei a família Yokoya, na província de Nagano, pois a minha mãe de criação era conterrânea de minha mãe verdadeira. Ela me deu muito amor, talvez muito

mais do que a mãe que me pôs neste mundo. De certo, não deve ter sido nada fácil cuidar de dez crianças, mas ela sempre me protegia. Ela me amou da mesma forma que seus filhos verdadeiros e se hoje sou alguém na vida, foi graças a seu amor. Ela sempre me falava sobre sua terra natal e dizia a seus filhos e a mim: "Vocês nasceram no Brasil, mas são japoneses. Devem ter atitudes que não envergonhem nossa raça e sempre devem ter orgulho de ser japonês." Desta forma, ela nos educou com rigor, para termos sempre a consciência de um japonês. Por isso, se um dia encontrar duas bandeiras, uma do Japão e outra do Brasil, caídas na rua, com certeza, pegarei primeiro a bandeira japonesa. Fui educado como japonês, com um sentimento tão forte a ponto de ter essa atitude. Mas até aquele momento, não havia transmitido minha gratidão a ela e, por isso, queria transmitir meus sentimentos, pelo menos, para sua irmã mais nova, a tia Mitsue.

Sempre que minha mãe de criação tinha tempo, falava sobre meus pais verdadeiros e contava sobre sua irmã Mitsue, que hoje era casada e fazia parte da família Nishina. Ela morava na cidade de Ueda, na província de Nagano, e tinha um comércio. Assim, minha mãe de criação contava-me com detalhes a vida da família da tia Mitsue. Por isso, o outro objetivo dessa visita ao Japão era ir à terra natal de minha mãe de criação, da qual ela tanto sentia

saudade, e conhecer a tia Mitsue. Deixe-me contar um episódio um tanto constrangedor que ocorreu na estação de trem de Ueno, quando fui me encontrar com essa tia.

Quando cheguei ao guichê da estação de trem de Ueno e solicitei uma passagem para Ueda, o atendente disse-me: "O bilhete de embarque do trem já está esgotado." Então, fui me distanciando do guichê, preocupado, quando o mesmo atendente disse: "Mas ainda temos o bilhete verde."

Como era a minha primeira viagem ao Japão, não tinha idéia do que era esse bilhete verde. Então, eu lhe perguntei: "Com esse bilhete verde dá para ir até meu destino?"

E ele me respondeu: "Certamente que sim."

Então, pedi-lhe imediatamente quatro bilhetes e entramos num trem lotado e viajamos em pé no vagão para passageiros normais até a estação de Ueda. Hoje, esse episódio é motivo de riso. Só depois percebi que, apesar do vagão que tomamos estar lotado, o anterior estava vazio, o que achei estranho. Aquele era o vagão dos bilhetes verdes, ou seja, de assentos especiais.

No caminho, o trem foi atingido por um relâmpago, ficamos sem energia elétrica e tivemos de ficar um bom tempo parado. Com isso só chegamos à cidade de Ueda às nove horas da noite. Imediatamente, fizemos check-in no

hotel e telefonamos para a residência da família Nishina. Para minha surpresa, minha tia Mitsue já não pertencia mais a este mundo. Na manhã do dia seguinte, o Sr. Nishina veio nos buscar com seu carro e fomos até sua casa, carregando no peito uma tristeza insuportável. Em frente ao oratório, transmiti à tia Mitsue, minha gratidão pela minha mãe de criação. Nesse instante, fui tomado pela emoção e não pude conter as lágrimas e os soluços que não paravam mais.

Diante de minha tia, afirmei: "Foi sua irmã que me criou e fez com que eu me tornasse um homem. Ela, sim, foi uma verdadeira mãe para mim e eu queria lhe transmitir essa gratidão sincera que vem do fundo de meu coração. Foi este sentimento que me trouxe até o Japão. Foi uma pena não ter podido encontrá-la, mas agora que estou sentado diante de seu oratório, pude diminuir, mesmo que pouco, meu remorso. Muito obrigado." Assim, contei a ela o que estava sentindo por dentro.

O Sr. Nishina, que ficou observando meu comportamento um tanto estranho, compreendeu o que aquela viagem significava para mim e ficou extremamente contente com nossa visita.

Ficamos, assim, desde a manhã do dia 4 até o dia 5 na casa dele. Ele nos levou para conhecer maravilhosos pontos turísticos como Komoro, o monte Asama, as ruínas

do castelo de Ueda, etc. Oramos no suntuoso templo xintoísta Sanada, que protegeu por longo tempo o castelo de Ueda, onde fomos apresentados ao monge responsável pelo templo. Recebi também um amuleto com a "Oração especial para a proteção à residência", o qual guardo até hoje com muito cuidado.

Pedi ao Sr. Nishina que telefonasse para meu tio Kiyonobu Kitahara, irmão de minha mãe natural que morava na cidade de Nagano. Ele é dois anos mais novo que minha mãe, o caçula da família. A família de minha mãe Yokoya era formada pelo primogênito, o segundo filho Hisashi, a primeira filha Naoe e, por último, pelo tio Kiyonobu. Ele foi adotado pela família Kitahara após sua emancipação. Eis a razão de ele ter o sobrenome Kitahara. Antigamente, para imigrar, era preciso ter mais de três pessoas com idade acima de 15 anos na família, como mão-de-obra. Quando o segundo filho Hisashi Yokoya imigrou, ele já estava casado, mas faltava mais uma pessoa. Assim, eles pensaram no tio Kiyonobu. Mas como ele tinha apenas 13 anos, minha mãe Naoe acabou sendo escolhida em seu lugar. Convenceram-na a imigrar, dizendo que depois de agüentar no máximo cinco anos poderia retornar ao Japão e depois se casar.

Assim, minha mãe viajou ao Brasil, fazendo parte da família de seu irmão Hisashi. Por isso, acho que o tio



Kiyonobu se sentia culpado pela morte da minha mãe ainda jovem, depois de tanto trabalhar, afinal ela foi enviada ao Brasil em seu lugar. Assim, ele sempre nos deu muita atenção. No dia seguinte, meu tio Kiyonobu veio de carro até a casa do senhor Nishina e levou-nos à aldeia Yanaguihara, onde morava o Sr. Toshio, da linhagem principal da família Yokoya.

A casa da família Yokoya era uma mansão enorme e, em seu terreno, havia plantações de maçãs e inúmeros arrozais. O Sr. Toshio é meu primo, filho do irmão mais velho da minha mãe e tinha a mesma idade que eu, 55 anos. Tio Kiyonobu apresentou-nos e, apesar de tê-lo conhecido naquele momento, fui tomado por um sentimento saudoso. Ele ficou um tanto desconcertado por termos surpreendido-o, vindo do Brasil. Percebendo esse clima, meu tio logo comentou: "Estas pessoas vieram visitar o túmulo de nossos antepassados."

Ao saber de nosso objetivo, ele foi ao seu jardim, colheu algumas flores, colocou-as em um bule que enchera de água e levou-nos ao cemitério. Acredito que minha falecida mãe tenha ficado contente por eu ter conseguido pisar no solo de sua terra natal, que era meu desejo de longos anos. Com essa realização, tenho certeza de que meus pais também devem ter ficado muito contentes. Quando meu primo Toshio ofertou as flores e lavou a lápide com a água,

as letras gravadas destacaram-se nitidamente. Por um longo tempo, elas ficaram cobertas por musgos e estavam escuras, mas logo que a água foi jogada, o nome esculpido dos antepassados e a data 6 de junho sobressaíram. Por incrível que pareça, era justamente no dia 6 de junho que estávamos fazendo essa visita ao túmulo!

Assim que o primo Toshio viu, disse:

- Nossa! Hoje é dia 6 de junho não é mesmo? Sr. Onofre, com certeza, nossos antepassados estão muito felizes. Isto é uma mensagem dos antepassados.

O Sr. Toshio e toda a sua família ficaram extremamente contentes com isso e fomos recebidos com uma calorosa recepção.

Depois de alguns dias, seguimos viagem em direção à terra natal do meu pai - a província de Okayama. Quando fui comunicar sobre a viagem ao tio Ono, antes de nossa partida, ele me disse: "Vá visitar o local e verá que é o fim do mundo." Realmente, ficava no interior das montanhas, o que nos fazia pensar se haveria algum ser humano vivendo naquela região. Para chegar até essa aldeia, passamos por montanhas e mais montanhas. As ladeiras eram tão íngremes que, antigamente, nem os cavalos conseguiam subir. Ainda continuam íngremes, mas estão todas asfaltadas. No topo da montanha, há uma enorme torre que controla o tráfego aéreo dos vôos domésticos do

Japão. Há também uma lagoa enorme, de água límpida, que mais parece um ponto turístico. Da lagoa, saem inúmeros córregos que irrigam vários arrozais e plantações. Assim que avistei os córregos, lembrei-me do que meu pai contava sobre eles e senti intuitivamente: "Este é o rio Sakagawa".

Eu estava murmurando dentro de mim: "Pai, este é o rio Sakagawa! Estou na terra onde o senhor nasceu, meu pai!"

É desta terra que meu pai verdadeiro partiu para o Brasil, sofreu muito em terra estrangeira, e nunca mais pôde voltar para vê-la. Pensando assim, fiquei emocionado por imaginar o quanto ele queria ter retornado. Aqui havia inúmeras placas com o sobrenome da família, como Transportadora Sakagawa, Fazenda Sakagawa, etc. Quando visitamos a linhagem principal da família Sakagawa, fui surpreendido com inúmeros fatos que me contaram, os quais desconhecia. Naquela região que se situava no fundo das montanhas, desde os tempos remotos, os túmulos da família ficavam no fundo da própria residência. Naquele momento, lembrei-me do filme "A aldeia dos oito túmulos", a que havia assistido há muito tempo. Soube que o filme fora rodado naquela região.

O membro da família que seguiu a linhagem principal da família Sakagawa foi o filho do irmão mais

velho do meu pai, Sr. Yoshio Sakagawa, que seria meu primo. Assim que chegamos, pedimos ao Sr. Yoshio que nos levasse para visitar o túmulo da família. Então, ele me disse: "Ainda bem que deixei a limpeza dos túmulos feita."

Segundo ele, no interior, os túmulos são tomados pelo mato em pouco tempo, se não forem cuidados com frequência. Ao chegar em frente ao túmulo da família de meu pai, juntei as mãos e orei, pensando também nos sentimentos dele. Esse túmulo também se encontrava atrás da residência e estava bem limpo. Ao seu redor, estava amontoado mato verde recém-cortado. Isso me fez sentir que meus antepassados também estavam a nossa espera, o que me deixou sensibilizado. Segundo o Sr. Yoshio, muitos casais novos imigraram para Brasil com muita esperança, mas nesses setenta anos, ninguém retornou para visitar a terra natal. Por isso ele ficou muito contente com nossa visita. Lembrando do destino infeliz dos imigrantes, percebi o quanto eu era feliz por poder visitar a terra natal de meus pais, em seu lugar. Acredito que naquele momento, pude me dedicar um pouco a meus pais, o que não pudera fazer até aquele momento. Com certeza, eles ficaram felizes no outro mundo.

Após essa viagem, de dois em dois anos, tenho feito viagens para o exterior com minha esposa. Viajamos pelo mundo inteiro, começando pela América do Sul, América

do Norte, Europa, Índia, Coreia, Austrália, África, etc. Não me lembro de quantas vezes fui ao saudoso Japão, mas tenho muitas lembranças dessas viagens. Especialmente, lembro-me da vez em que apresentei uma moça brasileira, terceira geração de japoneses imigrantes, a meu sobrinho Kenichi, filho de meu primo Toshio Yokoya, irmão de minha mãe, residente na província de Nagano, sucessor da linhagem principal da família. Foi uma honra para mim. Kenichi casou-se com essa moça, teve dois lindos filhos e o casal vive muito feliz. Hoje é ele o herdeiro da linhagem da família Yokoya. Não há nada mais gratificante do que isso. Eu achei que este mundo é até bem feito. Porque meu filho caçula Yukio foi estudar no Japão e, por afinidade, casou-se com uma moça japonesa e vive muito feliz com dois lindos filhos.

Para mim, a infância e a juventude não foram nada felizes, mas depois que passei a trabalhar, fazendo parte da sociedade, tudo que fiz sempre culminou em felicidade. Isso foi graças ao apoio das pessoas que estão a minha volta, às quais sou muito grato. Tive a felicidade de ser agraciado com cinco filhos, que se casaram, estruturaram suas famílias e vivem felizes. Estou agora com 82 anos e tenho 17 netos e um bisneto. Vivo dias maravilhosamente felizes, pelos quais só tenho a agradecer do fundo de meu coração.

10 de julho de 2005.

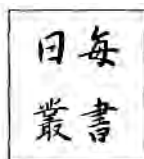
## Posfácio

Há três anos atrás, resolvi escrever a história da minha vida pela recomendação de meus amigos mais íntimos. No entanto, quando iniciei, percebi que não era um trabalho fácil. Encontrei muitas barreiras que me fizeram sentir como um barco naufragado em um recife e, por várias vezes, pensei em desistir deste projeto. Toda vez que me encontrava nessa situação, tentava me animar para persistir em meu propósito e, hoje, cheguei a sua publicação. Relembrando o passado, minha vida resumiu-se em muito trabalho. Não tive infância nem juventude, pois após ter perdido meus pais ainda criança, fui deixado aos cuidados de um parente e, por isso, não tive muita chance de estudar. Quando me casei, precisei trabalhar ainda mais para sustentar minha família. Isso se intensificava a cada vez que minha família aumentava. Quando meus filhos cresceram e seguiram suas vidas, pela primeira vez, tive a oportunidade de parar e tomar fôlego. Mas, tudo isso foi possível graças a minha saúde de ferro que me deixou livre de quaisquer doenças. Ao pensar bem sobre esse assunto, percebi que realizei essa façanha graças a minha esposa

que me seguiu por longos anos como uma sombra, cuidando de mim com muita dedicação. E também graças a ela, hoje, consigo ter a tranquilidade de poder lembrar minha vida. Isso fez com que me conscientizasse de que minha vida não pertenceu somente a mim. Por isso, gostaria de continuar a viver o resto da minha vida junto a minha esposa e melhor companheira, em nosso ritmo, a nossa maneira. Gostaria, também, de sufragar os espíritos de meus pais que tiveram uma vida curta e cheia de sofrimentos, vivendo também o que eles deixaram de viver. Creio que há inúmeras pessoas que viveram uma vida semelhante a minha, como filhos de imigrantes. E aqueles que viveram, na mesma época, como herdeiros do sangue japonês, devem ter se identificado com algumas passagens de minha vida. Senti, no início, um certo constrangimento em levar a público minha vida, nua e crua, mas me sentiria honrado se puder receber opiniões e críticas dos leitores. Para finalizar, gostaria de registrar meu sincero e profundo agradecimento à Editora Nichimai que tanto me apoiou e auxiliou nessa publicação.

São Paulo, agosto de 2006.

Onofre Sakagawa



Onofre Sakagawa  
São Paulo  
BRASIL.  
Abril de 2007

## 望郷の桂植民地

両親が辿った道そして私達の今日までの歩み

	初 版発行	2006年8月10日
	印刷	2006年8月08日
ブラジル日本移民百年記念協会推薦	第二版発行	2007年4月25日
	印刷	2007年4月23日

著 者	坂川オノフレ Onofre Sakagawa Rua Magarino Torres, 1175 V. Maria CEP 02119-001 São Paulo -SP. BRASIL
編 集	前園博子／野口浩
発 行	日毎叢書企画出版 Rua da Glória, 332 3ª and. s/32 01510-000 São Paulo -SP Brasil Telefax: (xx11) 3209-5228 e-mail: nitimai@nethall.com.br
翻 訳	Fumiko Yoneta
印刷製本	トッパンプレス印刷出版社

---

Impress no Brasil





# 望郷の桂植民地

両親が辿った道そして私達の今日までの歩み

坂川オノフレ

ブラジル日本移民百年記念協会推薦